
A teoria beltraniana em perspectiva: Trajetória, fundamentos e contribuições atuais da folkcomunicação¹

Guilherme Moreira FERNANDES²

Karina Janz WOITOWICZ³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O artigo percorre os marcos que fundamentam o pensamento de Luiz Beltrão e deram origem à teoria da Folkcomunicação, estabelecendo diálogos com conceitos das Ciências Humanas e Sociais que influenciaram sua obra. A partir deste percurso teórico em torno da produção bibliográfica do autor, são destacadas noções basilares que sustentam a epistemologia da Folkcomunicação, tais como folclore, marginalidade, comunicação artesanal e horizontal, de modo a refletir sobre a importância das contribuições de Beltrão para a investigação das práticas não hegemônicas. Por fim, o artigo destaca as apropriações e desdobramentos da obra beltraniana por pesquisadores brasileiros e aponta para desafios atuais na renovação da teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Luiz Beltrão; epistemologia da comunicação; comunicação dos marginalizados.

Introdução: o universo da Folkcomunicação

A Folkcomunicação é uma Teoria da Comunicação genuinamente brasileira concebida pelo professor pernambucano Luiz Beltrão em sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Brasília (UnB) em 1967. Pioneiro nos estudos da Ciência da Comunicação no Brasil (MARQUES DE MELO; TRIGUEIRO, 2008), o estudioso também foi responsável por sistematizar o ensino, a teoria e a prática do Jornalismo, além de redigir um dos primeiros manuais do que hoje concebemos como Teoria(s) da Comunicação. Seguindo a nomenclatura adotada na concepção do currículo mínimo do curso de Comunicação, Beltrão lançou em 1973 *Fundamentos Científicos da Comunicação*.

1 Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professor Adjunto ao Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRB. Presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). E-mail: guilherme.fernandes@ufrb.edu.br.

3 Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação, vice-presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. E-mail: karinajw@gmail.com.

No referido livro, Beltrão (1973) descreve as bases da comunicação massiva e analisa o fenômeno da concentração da indústria cultural. Contudo, não adota o argumento da alienação, próprio de tendências intelectuais vigentes na época, bastante influenciadas pelos teóricos frankfurtianos. Ao reconhecer as dinâmicas na comunicação massiva e o papel ativo de emissores e receptores, sua abordagem confere um caráter não determinista à análise dos fenômenos comunicacionais.

Nesta obra, o autor propõe o termo “Comunicação Cultural” para o sistema comunicativo tipicamente humano em substituição a expressões como “Comunicação Simbólica”, “Comunicação Social” e “Comunicação Humana” especificadas na literatura internacional a partir de pensadores como Aranguren, Cherry, Fearing, Penteado, entre outros.

Desta forma, o professor formula “o conceito de comunicação cultural como o processo mímico, verbal, gráfico e plástico pelo qual os seres humanos exprimem ideias, sentimentos e informações, visando a estabelecer relações e somar experiências” (BELTRÃO, 1973, p. 56). Na sequência, vários aspectos acerca da comunicação cultural são sistematizados e chamamos atenção à concepção de sistemas de comunicação, ou seja, “a utilização simultânea de tipos interpessoais e massivos de intercâmbio de ideias, sentimentos e informações por diferentes grupos constitutivos de uma sociedade, caracterizados pelo seu grau de integração no contexto social” (BELTRÃO, 1973, p. 112). O autor considera que o sistema de comunicação envolve a relação comunicacional interpessoal e massiva e está dirigido aos grupos sociais integrados; o sistema de folkcomunicação, por sua vez, dirige-se aos públicos marginalizados (rurais e urbanos) e utiliza-se de canais interpessoais diretos e indiretos, caracterizando-se pela simplicidade e fácil compreensão por parte do receptor. Tratam-se de dois sistemas distintos⁴ – o sistema da Comunicação Social e o sistema da Folkcomunicação⁵ - que operam de forma simultânea e podem, inclusive, se entrelaçar em meio a fluxos de comunicação institucionalizada e informal.

Em um primeiro momento a divisão se materializa em função dos veículos ortodoxos e não-ortodoxos. As primeiras pesquisas de Beltrão ratificam tal divisão e

⁴ O autor chega a apontar a possibilidade de existência de um terceiro sistema – Exobiocomunicação – que seria constituído com a interação com seres de outros planetas, consonantes com as pesquisas desenvolvidas na década de 1970 que buscava apurar a existência de vida e civilizações extraterráqueas. Tal concepção permanece na atualização da obra em 1977, sendo posteriormente abandonada.

⁵ Em outro momento já argumentos sobre a Folkcomunicação como sistema da Comunicação Cultural e a atualidade da perspectiva. Ver Fernandes (2020).

elencam que a comunicação (pensada como transmissão de informação de fatos e expressão de ideias) não é realizada apenas por esses meios, ou seja, os jornais e revistas impressos, as rádios, os cinemas e as TVs. A finalidade e a prática do jornalismo que ele havia estudado em *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (ensaio vencedor do Prêmio Orlando Dantas, em 1959) foi questionada com a percepção de outras formas – não convencionais – de se transmitir uma informação e manifestar opinião.

No referido livro, o autor assinala a situação de marginalidade a que está submetida representativa parcela do público, “que permanece e permanecerá à margem dos movimentos de construção e recuperação nacionais, das ideias políticas, dos sistemas filosóficos, da evolução científica, artística e social em foco no nosso tempo” (BELTRÃO, 1960, p. 16). Diante da constatação desta exclusão midiática, Beltrão relata que se sentiu “atraído por outros aspectos da difusão de informações e expressão da opinião pública” (BELTRÃO, 1971, p. 11), o que o levou a dedicar atenção aos modos informais e interpessoais de comunicação.

Estes pressupostos constituem o ponto de partida das reflexões de Luiz Beltrão sobre os processos de comunicação e permitem enfocar suas ideias em torno do que irá denominar de comunicação dos marginalizados. No presente texto, serão retomadas as bases da teoria da Folkcomunicação, em um percurso teórico que destaca os princípios dos fundamentos do autor, com vistas à identificação das especificidades das práticas de comunicação realizadas no interior da cultura.

Comunicação pelo folclore, uma manifestação dos grupos marginalizados

Em ambos os sistemas – de comunicação e de Folkcomunicação - a comunicação informativa era produzida por diversos grupos com a utilização de meios distintos direcionados a um público igualmente distinto. O fato de existirem outras formas de comunicação além dos meios ortodoxos não é uma hipótese, mas sim um pressuposto. Beltrão historiciza o processo para demarcar que não é algo recente⁶. Ademais, não é a materialidade deles que vai lhe chamar a atenção, mas sim os sentidos

6 Em “Iniciação à Filosofia do Jornalismo”, Beltrão (1960) parte da transmissão regular de acontecimentos desde a China Antiga. Já em “Folkcomunicação”, o autor (2014) retoma as práticas da comunicação indígena no Brasil pré-cabralino e vai até a sua contemporaneidade com o objetivo de estudar a informação oral, a informação escrita e as manifestações opinativas estabelecidas de forma paralela à desenvolvida pelas elites dirigentes e culturais. Aragão (2017) realiza uma interessante comparação entre as duas obras pioneiras e esclarece as semelhanças entre a metodologia utilizada no processo de pesquisa.

culturais provocados em dada intencionalidade que admite entendimentos diferenciados no interior de um grupo ou comunidade.

Tal questão aparece desde a publicação de “O ex-voto como veículo jornalístico”, em 1965, tema que o motivou a pensar em formas mais amplas de comunicação que culminou na pesquisa de doutoramento e na criação da Teoria da Folkcomunicação. Beltrão (2004) foi direto na exposição do problema de pesquisa: qual é a mensagem disso, o que isso quer dizer? Que o ex-voto é uma prática religiosa, expressa um agradecimento a um determinado pedido atendido e é depositado em um local específico ele já sabia. No entanto, a inquietação era o sentido informativo: o que esses devotos querem comunicar? Por que determinado “presente” se repete tanto? Há um sentido nas escolhas e representações que vai além da fé, mas que retrata uma realidade sob forma de protesto. Entre outras coisas, Beltrão percebeu várias representações de “pé” em dada sala do interior da Paraíba, o que o fez perceber que não havia equipamentos de proteção individual (como botas) para os trabalhadores dos canaviais que eram constantemente picados por cobras.

A pesquisa de doutoramento, com maior fôlego, teve como *lócus* espacial sua terra natal – o estado de Pernambuco – e regiões vizinhas, especialmente no estado da Paraíba. Neste momento, Beltrão categoriza a Folkcomunicação e pesquisa sua materialidade exercida de forma oral (cantador, caixeiro-viajante, chofer de caminhão), escrita (folhetos, almanaques, calendário, livro de sorte) e opinativa (centros de informação [lugares diversos de encontro, i.e. praças, pátio de igrejas, portos, etc.], meios de expressão [folguedos, autos, artesanato, artes plásticas], queima de Judas e serra dos velhos, carnaval, música popular, mamulengo).

A percepção dos veículos não ortodoxos foi teorizada por Beltrão a partir do conceito de folclore de Edison Carneiro, definido, a grosso modo, como toda a forma de conhecimento produzida do povo para o povo, refutando características como anonimato, transmissão oral e antiguidade. Autoria, materialidade além da oralidade e tempo presente passaram a ser igualmente consideradas, ressaltando a dinamicidade e espontaneidade dos atos e manifestações dotados de uma aceitação coletiva (em nível comunitário).

Se em obras “didáticas” Beltrão tinha como preocupação explicitar um “tema” que estava incluído em ementas de determinas disciplinas e, por isso, procurava-se fazer de forma abrangente, seus estudos empíricos foram “enxutos” nos diálogos teóricos.

São perceptíveis algumas inspirações teóricas, muitas não listadas por não serem diretamente citadas. Ao analisar os dois primeiros capítulos do livro de 1980 (ou, ao ler o prefácio de José Marques de Melo), vemos que o sentido informacional do jornalismo não é mais a única preocupação. Funções - educativa, recreativa e de integração – já difundidas na literatura da área, igualmente foram acrescentadas nas análises.

Em termos de definição do conceito, pouca coisa mudou entre os livros de 1971⁷ e 1980, no entanto é destacado o público de forma mais precisa, ainda que não tenha realizado um estudo de recepção. Em 1967/1971 Beltrão diz: a folkcomunicação é “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 1971, p. 15; BELTRÃO, 2014, p. 70), já na década seguinte propôs “definir a folkcomunicação como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24). Como se pode perceber, Beltrão retira o termo “massa” – que já começa a se opor ao popular – e substitui por marginalizados, sendo este o grupo produtor e receptor.

Comparando a tese com o livro posterior – além dos elementos já destacados, ou seja, a noção da comunicação e o público a quem se direciona e se produz – os capítulos iniciais fazem questão de expor a realidade (econômica) brasileira e sustentar uma clara divisão entre o rural e o urbano, a noção de “dois Brasis” e o desenvolvimento/progresso – e já se percebe uma postura diferenciada entre as considerações feitas em 1967 e a forma menos arbitrária do texto de 1980. No entanto, a percepção de divisão permanece. É a partir deste ponto que Beltrão começa a pensar o confronto entre os sistemas. Apesar de terem diferenças significativas, há uma retroalimentação. Se na década de 1960 existiam, no interior, pessoas sem nenhum contato com meios massivos de comunicação, o final da década de 1970 já demonstrou uma expansão tecnológica. Desde Getúlio Vargas até a contemporaneidade do livro, ou seja, a Ditadura Militar, a integração nacional via meios de comunicação de massa era

⁷ Trazemos aqui a publicação de “Comunicação e Folclore” que contém uma introdução (resumo da parte teórica da tese) e a pesquisa empírica pois é o livro que circulou na época. A íntegra da tese somente foi editada em 2001. No âmbito deste texto, utilizamos a segunda edição de 2014.

uma estratégia do governo. Era uma meta que o sinal de rádio (e, posteriormente o de TV) cobrisse a totalidade do território⁸.

A compreensão dos intercâmbios culturais que perpassam tanto as manifestações da comunicação pelo folclore quanto as interações entre meios populares e massivos está sinalizada na obra de Beltrão, que desloca o olhar das diferenças entre os processos que envolvem a mídia massiva e as práticas de comunicação popular para as suas inter-relações. José Marques de Melo (2008, p. 05) destaca o reconhecimento de pontes entre folkmídia e mass-mídia como uma das contribuições de Luiz Beltrão: “Ele reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feed-back* dialético, contínuo, criativo”.

Ao desenhar a natureza, estrutura e processo, Beltrão é taxativo em relação à folkcomunicação: “é por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa” (BELTRÃO, 1980, p. 28). Desta forma, o processo se opõe os princípios massificantes e hegemônicos da Comunicação Coletiva, Indústria Cultural, Comunicação de Massa ou simplesmente como Comunicação Social, termo dado ao outro sistema.

Com finalidade de tensionar ambos os sistemas, o teórico recorre aos diffusionistas norte-americanos para expor a influência dos meios massivos em relação à audiência heterogênea. O líder de opinião conceituado pela equipe liderada por Lazarsfeld para pensar no sistema da comunicação social é um “ponto de partida” que Beltrão utiliza para analisar os agentes e usuários do sistema da Folkcomunicação. Em termos de interligação dos sistemas de comunicação cultural, cabe ao líder de opinião a decodificação do que é expresso pelos meios massivos. Para além da “convivência” com ambos os sistemas, especificidades da Folkcomunicação para atendimento às necessidades de grupos marginalizados são analisadas. Assim, separou, em termos de espaço, os grupos rurais e os urbanos. Ademais, concebeu um terceiro grupo, que pode

⁸ Embora com projeto evidente de expansão dos meios, essa ainda não era uma realidade. Até meados da década de 1970, a TV era um objeto de luxo, embora com audiência cativa dos “televizinhos”. Não havia sinal em zonas rurais, dependendo de condições geográficas, o rádio AM era o único meio, papel esse explicitado por Beltrão.

ser rural ou urbano, mas cuja característica não é o espaço/território, mas os traços culturais. A pesquisa identificou três subgrupos: messiânicos (religiosidade), políticos ativistas (governança) e erótico pornográfico (moralidade). Comum aos três: a perseguição, com possibilidade de prisão; ausência de representação nos meios massivos; a segregação e necessidade de códigos linguísticos específicos. Além de identificar os grupos, Beltrão (1980) traça os meios de expressão e as grandes oportunidades de comunicação. Cantorias, cordel, almanaques, entre outros objetos que foram detalhados na tese doutoral (BELTRÃO, 2014) tem espaço, mas acabam se tornando “coadjuvantes” em face a tantas outras possibilidades de comunicação a partir de aglomerações festivas em datas cívicas e religiosas.

A partir do exposto, percebemos que Beltrão foi modificando e ampliando o entendimento da Folkcomunicação. No âmbito da Comunicação, foi o primeiro a perceber que além da comunicação interpessoal do dia a dia, não são apenas os meios massivos que exercem o papel de informar, integrar, educar e divertir. O sentido de cada subgrupo dos culturalmente marginalizados pode ser atualizado dada a configuração da sociedade na contemporaneidade. É ainda plausível destacar outros grupos, que nem são contabilizados pelos institutos de pesquisa social, mas que possuem suas próprias formas de se comunicar.

Conceitos e percepções predominantes na folkcomunicação

Ao analisar em profundidade as duas obras de fôlego de Luiz Beltrão (2014; 1980) na pesquisa em Folkcomunicação percebemos a necessidade de explicitar o sentido metodológico de percepções teóricas basilares para a caracterização da Teoria da Folkcomunicação: folclore; marginalização; e processo de comunicação artesanal e horizontal.

O primeiro aspecto é o entendimento da concepção de folclore. Embora tenhamos uma farta bibliografia, o termo está longe de adquirir uma única acepção:

na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares. Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo folclore não existe e é melhor chamar cultura, cultura popular o que alguns chamam folclore. E, de fato, para algumas pessoas as duas palavras são sinônimas e podem suceder-se sem problemas em um mesmo parágrafo (BRANDÃO, 1982, p. 23).

Entre progressistas e conservadores o fenômeno é percebido de formas e dimensões distintas, catalisadas a partir de outro elemento teoricamente problemático, que é a tradição. No âmbito das pesquisas acadêmicas ao longo do século XX, a legitimidade do objeto empírico deixa de ser uma preocupação a ser justificada e a forma (métodos e técnicas) em estudá-lo, além de tematizada, passa a ser reivindicada em regimes disciplinares que começavam a se consolidar como a Sociologia e a Antropologia (BREGUEZ, 2013).

Na primeira metade do século passado, sobretudo a partir do movimento da Semana da Arte Moderna em 1922, o nacionalismo, associado ao resgate dos valores genuinamente nacionais/regionais, proporcionou uma visão romantizada do passado em relação ao tempo presente. Se o ontem (ainda que longínquo) foi sempre melhor do que é o hoje, o sentido do desenvolvimento está em promover o resgate do que fomos um dia. Este “espírito do tempo” proporcionou uma pujança de produções entre a intelectualidade da época. O científicismo era uma forma de opor-se ao empirismo.

Foi o momento em que Mário de Andrade (São Paulo) criou a Sociedade de Etnografia e Folclore (1936), Câmara Cascudo fundou no Rio Grande do Norte a Sociedade Brasileira de Folclore (1941) e Renato Almeida estabeleceu no Rio de Janeiro a Comissão Nacional de Folclore (1941). Posteriormente o governo Federal fez surgir a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e o Conselho Nacional de Folclore (1961) sendo os membros da CNF seus agentes.

A Carta do Folclore Brasileiro de 1951⁹, resultado das discussões apresentadas no I Congresso Brasileiro de Folclore, é o principal marco basilar para a definição do que é considerado folclore atribuindo a dinamicidade promovida pela atualidade como característica *sine qua non*. A visão privilegiada seguia a perspectiva de Rossini Tavares de Lima (discípulo de Mário de Andrade), Renato Almeida, Edison Carneiro entre outros.

Ainda que a concepção de folclore seja fundamental para a elaboração da Folkcomunicação, Luiz Beltrão (2014; 1980) não se preocupou em realizar um debate

9 É oportuno ressaltar que a CNF, durante o VIII Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Salvador-BA, em 1995, fez uma releitura da carta e propôs modificações substanciais em relação ao que era entendido em 1951. Seguindo recomendações da Unesco, a Carta reconhece a equivalência entre os termos folclore e cultura popular (BENJAMIN, 2007). Atualmente, a Comissão, sob presidência do potiguar Severino Vicente, pretende realizar uma nova releitura e reelaboração da Carta durante do XVIII Congresso a ser realizado em novembro de 2022 na cidade de São Luís-MA.

sobre a formação e utilização do conceito em perspectiva teórica. É oportuno reproduzir alguns trechos de suas fundamentações teóricas:

[formas de expressão...] pertenciam, agora, ao folclore, que os senhores menosprezam, atribuindo-lhes valor de circo romano. E que os próprios mais sagazes observadores do passado, como Lopes Gama, acreditavam ser apenas “um agregado de disparates”. No que, de certo modo, ainda o acompanham certos românticos estudiosos dos fatos sociais dos nossos dias, para os quais as manifestações folclóricas são meros “desenfados populares”, estratificações de ocorrências e sentimentos idos e vividos. Quando, na verdade, tais desenfados são desabafos, explosões, e não estratificações. Revestem-se de atualidade, e não de memória. Achava-me de acordo com a tese de Edison Carneiro [...] (BELTRÃO, 2014, p. 69).

A vinculação estreita do folclore e comunicação popular, registrada na colheita dos dados para este estudo, inspirou o autor na nomenclatura desse tipo cismático de transmissão de notícias e expressões do pensamento e das vindicções coletivas (BELTRÃO, 2014, p. 70).

[na tese de doutoramento] adotáramos, com convicção que as investigações e análises haviam comprovado, o ponto de vista de Edison Carneiro, segundo o qual “sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo”, fazendo-o através do folclore, que é dinâmico porque “não obstante partilhar, em boa porcentagem, da tradição e caracterizar-se pela resistência à moda... é sempre, ao mesmo tempo que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação”. Vinculação tão estreita entre folclore e comunicação popular inspirou o Autor a nomenclatura do processo e, já agora, do sistema que se confronta com aquele cujas características e usuários apreciamos antes [...] (BELTRÃO, 1980, p. 24).

São basicamente esses os únicos trechos que o autor dedica à conceituação do folclore. Desta forma, ela foge do debate travado anteriormente ao fazer a veiculação ao pensamento de Edison Carneiro com a visão de folclore a ser refletida na pesquisa em Folkcomunicação. A visão defendida por Carneiro (1965) tem forte relação com a tradição dos Estudos Culturais conceituam como “cultura popular”¹⁰. Não se trata de expressar possíveis preferências por termos e conceitos que são produzidos no curso da história das Ciências Humanas e Sociais, mas de deixar explícito que a visão romântica e conservadora do folclore não escoa nos estudos folkcomunicacionais. Ademais, o

10 Em outro momento escrevemos sobre essa aproximação, sobretudo a partir do pensamento de Stuart Hall. Ver: Fernandes (2011) e Woitowicz (2014).

interesse pela Folkcomunicação não se resume aos objetos que comumente são percebidos como folclóricos – ainda que eles tenham sido a principal substância na pioneira pesquisa de Beltrão (2014). A utilização do termo cultura popular em contraponto com o folclore não representa um desvio epistemológico da pesquisa em Folkcomunicação, desde que o princípio se mantenha com a proposta teórica que sinaliza uma oposição ao discurso proferido “ao mundo” (sistema da Comunicação Social) e ao dirigido a “um mundo”.

Na sequência, temos o sentido de marginalizado expresso como público e audiência da Folkcomunicação. Assim como a conceituação de folclore, Beltrão igualmente não se preocupa em realizar um debate teórico, mas explicita que emprega o sentido conferido pela Escola de Chicago a partir dos estudos de Robert Park (2017), sendo o indivíduo marginal aquele que está à margem de duas culturas, a própria de seu grupo e a dominante, agindo com influência de ambas. Estudos empíricos de Paoli e Perlmann igualmente o ajudaram na concepção do grupo, embora o autor perceba que o termo ganhou novos contornos com o passar dos anos¹¹. Tais teóricos partem do olhar sociológico e abrem brechas para um pensamento da cultura com aproximações com a Antropologia e da Psicologia Social. Park assevera que: “É na mente do homem marginal que a turbulência moral que os novos contatos culturais ocasionam, se manifesta nas formas mais óbvias. É na mente do homem marginal, por fim, - onde as mudanças e fusões da cultura estão acontecendo – que podemos estudar melhor os processos de civilização e de progresso” (PARK, 2017, p. 122).

Embora no âmbito da Teoria Social a expressão “marginalizado” seja problemática e substituída por termos como subalternos, excluídos, oprimidos, entre outros, a preocupação e utilização do termo no âmbito da Folkcomunicação não assume a dotação das Ciências Sociais modernas, mas sim a veiculação estreita com a Comunicação cultural. Desta forma, nos interessa os indivíduos que estão à margem do sistema da Comunicação Social, embora receba influência e se possa fazer presente nos veículos ortodoxos. Não raras vezes, criam suas próprias mídias para se fazer (folk)comunicar.

Por fim, o último elemento balizador da Teoria da Folkcomunicação é a modulação do processo de comunicação artesanal e horizontal. Novamente, o autor nos

¹¹ Em outro momento já debatemos a concepção de grupos marginalizados (WOITOWICZ, 2007) e também a problemática presente na obra beltraniana (WOITOWICZ; FERNANDES, 2017).

deixa à deriva no sentido empregado no texto ao passo que não realiza debate teórico ou expressa um conceito “padrão” (tal qual em folclore e marginalizado). É possível indicar “faróis” nos escritos de Gil Tavor, Zita Andrade, Joffre Dumazedier e José Marques de Melo com a indicação das reivindicações em voga no pensamento comunicacional latino-americano (Beltrán, Kaplún, Bordenave, Pasquali, Mattelart, entre outros). Embora Beltrão estivesse em contato com a produção científica da visão latino-americana, tais pensadores não foram formalmente citados. Em contrapartida, vê-se a presença de estudiosos estadunidenses e europeus balizando críticas aos processos de comunicação.

O processo de comunicação artesanal não se confunde com manual e nem é desprovido de tecnologia, se assim fosse, a impressão de um folheto de cordel deixaria de ser contemplada. Todas as tecnologias (e equipamentos) disponíveis podem ser utilizados. Não é a modernidade que define o sentido da produção e recepção (GUSHIKEN, 2011). O caráter artesanal vai continuar existindo enquanto não haja uma estrutura industrial que apresenta uma rotina produtiva específica. A comunicação que não se dirige a grandes grupos (massa) ou almeja ser global será intuída ao respeitar os processos históricos, psíquicos, linguísticos, sociais e culturais de terminado “grupo” muito bem especificado, ainda que se possa “ganhar o mundo”, ou seja, ser disseminado em toda a aldeia global. Ao apontar que o outro sistema de Comunicação não é capaz de dar conta dos anseios dos grupos marginalizados, Beltrão diz:

Quando, para cada parcela da comunidade, faz-se necessário usar uma linguagem especial, adotar um meio adequado, empregar uma técnica distinta, sem o que o diálogo torna-se difícil, se não impossível. Então, os grupos organizados não entrarão em comunhão com outras camadas da sociedade, ficando assim privados de plena obtenção dos seus fins, do cumprimento da missão que se atribuem e, por consequência, com seus interesses definidos ameaçados (BELTRÃO, 1980, p. 6-7).

Assim, mais do que dizer que ao longo do curso histórico o “povo” construiu e utilizou diversos veículos para se fazer comunicar, estes foram concebidos de uma forma artesanal, ou seja, não industrial/empresarial com ideias de abrangência geral e irrestrita. Tempo, espaço, território, lugar são conceitos geográficos determinantes para se pensar nos processos comunicativos urbanos, rurbanos¹² e rurais. Minorias à política

¹² Trata-se de um neologismo de Gilberto Freyre. Tal termo se incorpora aos estudos de Folkcomunicação via desenho teórico desenvolvido por Osvaldo Trigueiro (1987, 2008) que comprovou

hegemônica, estrutural e derivada do processo civilizador automaticamente se inserem como público agente e alvo do processo de Folkcomunicação. Neste caso, o exercício de promover a comunicação e reivindicação ganha outros contornos não apresentados na tese doutoral, mas ventilados na continuação da pesquisa. O sistema da Folkcomunicação não objetiva comunicar com “todo o mundo”, ou seja, com um público amplo e indefinido. O caráter regional imerso em sua própria cultura ganha relevância sendo, por essa característica, entendido como artesanal.

A comunicação horizontal foi a tônica dos estudos latino-americanos ao longo da década de 1970 com forte influência do pensamento de Paulo Freire tanto no âmbito da pedagogia do oprimido como da extensão rural. Atitudes transformadoras (e não modificadoras) são questões chaves do pensamento crítico que tematiza a necessidade da participação. Assim como Beltrão, outros pensadores também estavam reunidos em torno do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal)¹³, propondo uma reflexão coletiva sobre a concepção teórica da Comunicação na Latino América, questionando as matrizes difundidas via Estados Unidos, primeiro país que inseriu a problemática da comunicação coletiva como plataforma política dotada de recursos financeiros para o desenvolvimento de pesquisas.

Embora seja notável tal influência para afirmar que a Folkcomunicação trata-se de um processo artesanal e horizontal, Beltrão não cita seus pares. No que tange à comunicação horizontal é peculiar o ensaio do xará Luís Ramiro Beltrán (2019), publicizado em 1978. Ao apontar que os estudos norte-americanos não podem ser reproduzidos no âmbito da América Latina, em virtude da realidade distinta, o autor enumera críticas aos modelos “consolidados” – “na verdade, quase todas as críticas

por meio de estudos empíricos (em uma cidade “rurbana” - São José dos Espinhares-PB) as hibridações e imbricações entre o mundo rural e a perspectiva da cidade para além de indicadores sociais, econômicos, políticos, etc. O foco empírico recai nas possibilidades comunicativas e folkcomunicativas a partir de um dado tempo e espaço, fruto do processo estrutural histórico, que se faz presente na atualidade e na percepção da mensagem difundida. O receptor (público) sempre tem um caráter ativo que é desprovido de indicadores como escolaridade e condição financeira, sendo a experiência de vida e seus processos derivados balizas que não dispensa o exercício de influência pessoal localizada de forma comunitária. Diga-se de passagem, foi Trigueiro quem empregou e comprovou a teoria de Freyre (sobre o que é rurbanidade) em estudos desenvolvidos desde o fim da década de 1970. Ademais, antecipou as indagações de Jesús Martín-Barbero realizadas em “Dos meios às mediações” sobretudo na observância dos eixos delineados no “mapa noturno” para a percepção da manifestação e exercício pleno da comunicação no âmbito da recepção.

13 O Ciespal, instituto de pesquisa criado em 1959, mantido pela UNESCO, reuniu pesquisadores latino-americanos dedicados à discussão sobre os problemas da comunicação na Região, com vistas a defender a liberdade de imprensa e fortalecer a comunicação popular e comunitária. Importante lembrar também o papel da instituição na formação acadêmica sustentada nas teorias latino-americanas, que envolveram temáticas como as teorias da dependência, as políticas de comunicação na América Latina e a comunicação popular.

latino-americanas condensam-se muito bem na expressão ‘comunicação vertical’, isto é, de cima para baixo, dominante, impositiva, monológica e manipuladora; em suma, não democrática” (BELTRÁN, 2019, p. 193). Assim, formula a base do modelo de comunicação horizontal capaz de representar a vertente não apreciada pela pesquisa estadunidense. O autor assim traça a definição: “são procedimentos de comunicação face a face, tais quais a ‘conscientização’ de Freire, combinações especiais de meios de comunicação de massa com técnicas de dinâmica de grupo ou formas de comunicação grupal, ao lado do uso de modernos instrumentos audiovisuais.” (BELTRÁN, 2019, p. 194). Tal aspecto se faz presente a partir de múltiplas finalidades da comunicação: acesso, diálogo, participação, direito à comunicação, necessidade de comunicação, recurso da comunicação, liberdade, igualitarismo e persuasão.

Desta forma, entendemos que os conceitos/percepções sobre folclore, marginalidade e comunicação artesanal/vertical constituem os elementos basilares da Teoria da Comunicação. Ademais, o sistema da Folkcomunicação, como alerta Beltrão, não deve ser dissociado do sistema da Comunicação Social. Estes aspectos representam as bases principais do legado de Beltrão, repercutidos em diferentes gerações de pesquisadores que se dedicam a conhecer a sua obra e dar continuidade às reflexões em torno da Folkcomunicação diante de novos temas, objetos e problemas.

Demarcação do campo e perspectivas contemporâneas

Pesquisas acadêmicas desenvolvidas em Programas de Pós-graduação a partir dos anos 1980 foram responsáveis por estabelecer abrangências e delinear marcos teóricos. Roberto Benjamin (2017) chega a conceituar a Nova Abrangência da Folkcomunicação estabelecendo seis princípios a partir do diagnóstico das pesquisas que estavam sendo realizadas, sobretudo as que orientou na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Nos últimos dez anos podemos perceber o refinamento teórico e a necessidade em discutir conceitos que ficaram “soltos” na obra beltraniana. Desta forma, destacamos algumas pesquisas por suas contribuições teóricas para o campo. Iury Aragão (2017) recupera a pesquisa folclórica de Edison Carneiro e estabelece sua relação com a Folkcomunicação. Uma das conclusões da tese é que a proposta beltraniana se estabelece com o aporte dos estudos do Folclore com ligação à perspectiva do

Desenvolvimento, debate em voga no âmbito internacional (em especial no Ciespal e na Unesco), recusando ligações mais estreitas com o funcionalismo sociológico.

Em relação à percepção dos grupos marginalizados, se distingue a dissertação de Flávio Santana (2020) que se preocupa em estudar sistematicamente as referências listadas por Beltrão (1980). O entendimento do conceito criado por Park é levado ao âmbito da Comunicação, especialmente a partir da vertente da Folkmídia. Assim como Aragão, Santana discorre sobre o desenvolvimento trazendo contribuições para a área. Outra dissertação que contribuiu substancialmente para a compreensão dos grupos marginalizados é a de Fernando Biffignandi (2013) que buscou, com aportes na Arquitetura e no Direito, além da Comunicação, a caracterização dos grupos urbanos marginalizados apontando para a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas.

Ainda que a ideia de comunicação artesanal e horizontal perpassasse estas três pesquisas, é na dissertação de Júnia Martins (2014) que encontramos matrizes para especificar o direcionamento da Folkcomunicação frente aos propósitos da comunicação artesanal e horizontal. Martins cunha o conceito de empoderamento social para expressar possibilidades de práxis folkcomunicacional a partir dos Pontos de Cultura (política pública cultural), criados no governo do presidente Lula e extintos a partir do golpe da presidenta Dilma. O educador Paulo Freire é amplamente utilizado na argumentação de que a prática da liberdade se dá por meio da educação a partir da comunicação com percepção e respeito ao espaço em que se faz presente.

Desta forma, percebemos que as pesquisas de Aragão (2017), Santana (2020), Biffignandi (2013) e Martins (2014), sem qualquer demérito às demais produções acadêmicas que têm contribuído substancialmente para a consolidação da Folkcomunicação, conforme demostramos anteriormente (SANTANA; FERNANDES, 2021), são fundamentais para a compreensão da Teoria da Folkcomunicação na contemporaneidade. Ressaltamos que a tese de Isabel Amphilo (2010) repercute todos esses três conceitos, além de propor modelos analíticos e esquemáticos. O estado da arte da teoria foi explorado e é possível perceber os temas e objetos que tem atraído a atenção das pesquisas de Folkcomunicação.

Considerações finais

Folclore, marginalidade e comunicação horizontal não são os únicos elementos teóricos que se fazem presentes na teoria beltraniana, embora seja possível identificar a

relevância dos referidos conceitos na produção acadêmica em folkcomunicação. O desafio de contextualizar as manifestações da cultura popular sob a perspectiva da Folkcomunicação e repensar os aspectos que caracterizam hoje a comunicação dos marginalizados e suas práticas de resistência tem se apresentado de forma evidente nos estudos recentes da área.

Também é importante destacar que o ideal desenvolvimentista, de inspiração positivista, esteve presente nos principais escritos de Beltrão. O termo líder de opinião concebido por Lazarsfeld ganha importância ao estabelecer a intermediação entre os meios de massa e o público, sendo ampliados na perspectiva de Beltrão para caracterizar múltiplos fluxos de informação, sejam eles institucionalizados ou informais. A este termo se agrega o conceito de ativista midiático cunhado por Osvaldo Trigueiro (2008), que caracteriza o agente folkcomunicacional como alguém que transita entre as redes informais de comunicação, mantendo o reconhecimento como um líder representativo do seu grupo, e os espaços conquistados nas redes midiáticas.

Ao delimitar as bases do pensamento beltraniano, indicando um percurso que remete à construção e à revisão dos pressupostos da Folkcomunicação, o presente artigo buscou explicitar as contribuições da teoria para o campo da comunicação, a partir dos fundamentos epistemológicos que a embasam. Com ênfase nos conceitos ligados ao folclore, à compreensão sobre os grupos marginalizados e aos aspectos que caracterizam a Folkcomunicação como uma prática de comunicação popular (tais como a informalidade, o caráter artesanal e horizontal), o texto recupera marcos presentes nas obras de Beltrão, em diálogo com teóricos das Ciências Humanas e Sociais que influenciaram suas concepções sobre a comunicação.

É possível observar que, dos fundamentos que originaram a teoria, há permanências e também adaptações nas pesquisas desenvolvidas na atualidade, que buscam problematizar a realidade a partir dos caminhos indicados por Beltrão. Com a sua natureza dinâmica, a comunicação convida ao constante repensar dos processos, em meio a uma sociedade midiatisada onde a exclusão denunciada por Beltrão permanece presente e a centralidade da cultura motiva a descobrir as potencialidades de uma teoria brasileira, mais de 50 anos após a sua formulação.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. **A gênese, o desenvolvimento e a difusão da Folkcomunicação.** 2010. 733f. Tese de doutorado (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

ARAGÃO, Iury P. **Elos teórico-metodológicos da Folkcomunicação:** retorno às origens (1959-1967). 2017. 251f. Tese de doutorado (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

BELTRÁN, Luís R. **Adeus a Aristóteles:** Comunicação Horizontal. In: PRATA, N.; JACONI, S.; SANTANA, F. (org.) Pensamento Comunicacional na América Latina – textos antológicos e autores emblemáticos. São Paulo: Intercom, 2019. p. 167-201.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore.** São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BELTRÃO, Luiz. **Fundamentos científicos da comunicação.** Brasília: Thesaurus, 1973.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1960.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria geral da Comunicação.** Brasília: Thesaurus, 1977.

BENJAMIN, Roberto. A nova abrangência da folkcomunicação. In: FERNANDES, Guilherme M. et al (orgs). **Roberto Benjamin:** pesquisas, andanças e legado. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 67-76.

BENJAMIN, Roberto. Folclore. In: GADINI, Sérgio L.; WOITOWICZ, Karina (org.). **Noções básicas de Folkcomunicação.** Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 25-33.

BIFFIGNANDI, Fernando. **Comunicando para comunidades de baixa-renda:** decodificando conceitos urbanos. 2013. 258 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é folclore.** São Paulo: Melhoramentos, 1982.

BREGUEZ, Sebastião. Questionamento teórico do folclore segundo Vicente Salles. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. (org.). **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 90-93.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1965.

FERNANDES, Guilherme M. Aproximações teóricas entre a Folkcomunicação e os Estudos Culturais. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa, UEPG, Vol. 1, n° 18, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/.view/1454/1031>. Acesso em 15 jul 2022.

FERNANDES, Guilherme M. Teorias da Comunicação – a Folkcomunicação enquanto sistema da comunicação cultural. In: MAIA, J.; NAKAGAWA, R. (org.). **Comunicação, memória e sensibilidade: visões periféricas**. Cruz das Almas: Ed. UFRB, 2020. p. 103-127.

GUSHIKEN, Yuji. Folkcomunicação: interpretação de Luiz Beltrão sobre a modernização brasileira. **Razón y Palabra**, n. 77, agosto-octubre, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199520010017.pdf>. Acesso em 20 jul. 2022.

MARTINS, Júnia M. D. **Manifestações folkcomunicacionais como propulsoras de empoderamento social no Ponto de Cultura Estrela de Ouro, em Aliança-PE**. 2014. 260f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MELO, José Marques; TRIGUEIRO, Osvaldo (org.). **Luiz Beltrão**: pioneiro nos estudos da Comunicação. João Pessoa: Ed.UFPB, 2008.

PARK, Robert E. A migração humana e o homem marginal. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v.1, n.3, p. 114-123, nov. 2017.

SANTANA, Flávio M. **O Caranguejo e a construção da identidade cultural de Aracaju**: uma análise folkcomunicacional. 2020. 308f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

SANTANA, Flávio; FERNANDES, Guilherme. A pesquisa sobre Folkcomunicação na pós-graduação (2000-2020). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44, 2021, Recife. **Anais** [...] São Paulo: Intercom, 2020.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. **A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba**: um estudo sobre a audiência da televisão em determinados grupos sociais. 1987. 212f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1987.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: UFPB, 2008.

WOITOWICZ, Karina. Comunicação, Cultura e Resistência: da folkcomunicação aos estudos culturais, aproximações e diálogos entre Luiz Beltrão e Stuart Hall. **Razón y Palabra**, nº 18(2-87), p. 248–259. 2014. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/557>. Acesso em 15 jul. 2020.

WOITOWICZ, Karina. Grupos Marginalizados. In: GADINI, Sérgio L.; WOITOWICZ, Karina (org.). **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 59-63.

WOITOWICZ, Karina; FERNANDES, Guilherme M. Folkcomunicação e Estudos de Gênero: práticas de comunicação nos grupos homossexuais. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**. nº 135, p. 233-252, ago-nov, 2017. Disponível em: <http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2795/2945>. Acesso em 1º jul 2022.